

# O conhecimento de Deus e a problemática da linguagem em Dionísio Pseudo-Aeropagita

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa<sup>1</sup>  
Janduí Evangelista de Oliveira<sup>2</sup>

## Resumo

Apesar de todas as incertezas que temos sobre sua vida e suas obras, Dionísio Pseudo-Areopagita alcançou considerável influência na Teologia e na Filosofia de sua época. Seus escritos pertencem, praticamente, à dimensão teológica, mas não podemos negar sua importância no âmbito filosófico. O problema do conhecimento de Deus é um tema que faz essa intersecção. Seus escritos foram estudados e comentados pelos grandes escolásticos. O presente trabalho resulta de uma pequena pesquisa que refleti sobre a questão da possibilidade do conhecimento de Deus e analisa como se dá essa relação entre o homem e Deus, destacando a linguagem usada nessa relação comunicativa.

**Palavras-chave:** Dionísio, linguagem, conhecimento, Deus.

## Abstract

Although all uncertainties we have about Dionisius, the so-called pseudo Areopagita's life and works, it is known that he reached remarkable influence upon his epoch's Theology and Philosophy. His writings belong, practically, to the theological dimension, but we cannot deny, refuse to him, his importance in philosophical field. Knowledge problem regarding to God is a theme that fulfils this intersection, this mediation. His writings were studied and commented by great scholasticism thinkers. This Work results, arises from an unpretensions research that reflects about knowledge possibility question Regarding to God and analysis the way it happens this rapport or simple relation between man and God, emphasizing language used in this communicative rapport, relation.

**Key words:** Dionisius, Language, Knowledge, God.

## Introdução

O presente trabalho não tem como princípio fundamentador o todo da obra dionisiana, mas, apenas, algumas partes que, ao nosso ver, tratam mais especificamente o referido problema, a partir, basicamente, das obras de Dionísio *Da Teologia Mística* e *Dos Nomes Divino* e de alguns comentadores seus.

## 1 Vida e obras

A vida de Dionísio foi alvo de muitas dúvidas e incertezas durante os primeiros séculos da era cristã. Segundo os comentadores Bohner e Gilson,

durante muitos séculos prevaleceu a convicção de que o autor das obras que circulavam sob o nome de Dionísio se identificava com Dionísio convertido por são Paulo [...] hoje o erro está ratificado o que naturalmente não diminui em nada a enorme influência de Dionísio sobre a evolução da teologia e da filosofia<sup>3</sup>.

No entanto, ainda hoje, muito pouco se sabe sobre sua pessoa; apenas que as obras que foram divulgadas sob o nome de Dionísio datam do fim do século V ou começo do século VI. Fato histórico que exclui a possibilidade de identificação com o Dionísio convertido por são Paulo. Acredita-se somente que o Pseudo-Areopagita poderá ter vivido entre os monges na Síria.

Durante a Idade Média, ocorreu a circulação de um conjunto de escritos intitulado *Corpus Dionisyacum* constituído das seguintes obras: *De Caeleste Hierarchia* (Da Hierarquia Celeste) que trata do mundo angélico; *De ecclesiastica* (Da Hierarquia Eclesiástica) que trata da essência e organização da Igreja; *De Divinis Nominibus* (Dos Nomes Divinos) que se trata de uma exegese dos nomes de Deus atribuídos nas Sagradas Escrituras; *De Mystica theologia* (Da Teologia Mística), que expõe a maneira como Deus se dá a conhecer pela ignorância mística; e ainda dez Cartas ou Epístolas; e alguns outros escritos que se perderam. Dada a sua aproximação com os temas cristãos, Gilson faz o seguinte comentário:

Seu autor se apresenta como discípulo do Apóstolo Paulo, garante ter assistido ao eclipse solar que acompanhou a morte de Cristo, depois ao falecimento da Santa Virgem [...] Como sua obras traziam o nome de Dionísio, bem cedo o identificaram como membro

do Areópago que se convertera depois de ouvir a pregação de São Paulo (At. 17,34) [...] Seus escritos apareceram pela primeira vez na história em 532, durante um colóquio teológico, em que os partidários de Severo de Antioquia alegaram-nos em apoio à sua tese, enquanto os Católicos, ao contrário, recusaram-nos como apócrifo<sup>4</sup>.

Constatou-se depois que alguns fragmentos de suas obras apresentavam uma forte correspondência com Proclo, e tal característica deu margem à crença de que eles (os fragmentos) poderiam ter sido tomados de empréstimo.

Como já foi visto, paralelo a sua divulgação, surge também suspeita de falsificação dos escritos. Entretanto, seguiram-se alguns séculos e o problema foi esquecido. Contudo,

a falsificação ideológica só foi comprovada no século passado quando, em 1895, independente um do outro, H. Koch e J. Stiglmayr mostraram que os textos dionisianos sobre o mal dependiam de Proclo. Logo depois, constatou-se que certas alusões a costumes eclesiásticos, como o de cantar o *credo* na missa, datavam a obra no século VI, jamais nos tempos apostólicos<sup>5</sup>.

O *Corpus Dionysiacum* foi bastante comentado durante a Idade Média pelos grandes escolásticos. Segundo De Boni, o “... autor dos mais comentados na Idade Média compôs uma obra considerada modelo de Teologia Mística”<sup>6</sup>. Da mesma forma comenta Joice Costa:

Nome importante na Idade Média mereceu nela inúmeros comentários. Basta dizer que Alberto Magno, quando em suas aulas em Colônia, ao que consta, montou o curso sobre a obra dionisiana. Pouco mais tarde, seu aluno, Tomás de Aquino, cita o Pseudo-Areopagita 1704 vezes<sup>7</sup>.

## 2 A linguagem humana e o Inefável

O estudo do pensamento dionisiano vai nos remeter a uma reflexão sobre o uso da linguagem e a experiência mística de Deus. Sua forma metafórica de falar sobre Deus e sua maneira de usar a linguagem mostra-nos que o Pseudo-Areopagita está mais preocupado em provar a verdade cristã que refutar os gregos, mesmo apesar de toda a correspondência com os grandes filósofos como, por exemplo, Platão, quando ambos excluem do mundo sensível a possibilidade de conhecimento da verdade. Em sua VII Carta, escreve Dionísio: “... nunca discuti com aqueles que estão errados, persuadido de que o único meio seguro de destruir o erro é estabelecer irrefutavelmente a verdade”<sup>8</sup>. Essa lógica se confirma em seus escritos, e, sempre que o Pseudo-Areopagita se refere a Deus, faz uma adaptação da linguagem conforme observa Gilson:

Toda vez que aborda o mistério de Deus, a linguagem do Pseudo-Areopagita transborda em alegorias e fórmulas solenes. Ontologicamente transcendente, a natureza íntima divina permanece incompreensível a todo entendimento humano, especialmente limitado<sup>9</sup>.

A partir dessa conclusão, podemos apontar a existência de um problema na relação do ser humano e Deus: como o ser humano, finito e limitado pode relacionar-se com o Ser Infinito e Ilimitado, inatingível pelo entendimento humano? Como o homem pode chegar a conhecer a Deus, sendo Ele tão incompreensível? Primeiramente, ao observarmos o uso de uma linguagem metaforizada usada pelo Pseudo-Areopagita para falar de Deus, nota-se que existe algo de problemático; um problema referente à extensão da relação, ou seja, há um enorme distanciamento entre Deus e o ser humano.

Apesar de tudo, não podemos, desse modo, afirmar que ao ser humano é negada a possibilidade de conhecer a Deus, muito menos que seja possível. Todavia, podemos assegurar a existência, de fato, de uma enorme dificuldade encontrada pelo homem de conhecer a Deus. Dificuldade que se confirma devido às limitações apresenta-

das por nossa linguagem. Para se chegar ao conhecimento de Deus, torna-se de suma importância levar em consideração o uso e/ou o tipo de linguagem que empregamos nessas circunstâncias. Nossa linguagem, mesmo sendo algo construído por nós e ainda que nos seja familiar, assim como usamos (a partir de conceitos e raciocínios lógico-formais), não é apta para falar da divindade, pois esta é algo transcendente à nossa capacidade lingüística. Para se referir a Deus, faz-se necessária outra linguagem que seja necessariamente transcendente ao mundo sensível. Assim, o homem que desejar conhecer a Deus precisa estar ciente dessa questão para não incorrer na limitação do mundo sensível. Assim, diz Dionísio: “[...] não é, pois, pela via ordinária do conhecimento que devemos chegar-nos aos mistérios divinos. O homem ‘perito’ busca a Deus na obscuridade do não-saber”<sup>10</sup>.

Aqui, é necessário lembrar que, em seu método (ou modos), o Pseudo-Dionísio, fazendo uma ligação mútua, seguindo uma seqüência lógica valorativa, parte de uma ordem ascendente, da menor à maior aproximação do conhecimento de Deus. Contudo, é importante salientar que, em Dionísio, não encontramos um sistema ou uma teoria acerca do processo pelo qual se conhece a Deus, mas os modos pelos quais se possa ter uma experiência do Divino.

#### **4 A Teologia Simbólica**

A Teologia Simbólica, que é um dos modos de se conhecer a Deus, corresponde à teologia apresentada na obra *Da Teologia Mística* e aborda metonímias (transnomação) do sensível ao Divino:

Esta teologia comporta já uma dialética de afirmação e de negação, pois a imagem, quaisquer que sejam sua beleza ou seu alto valor de representação, deve sempre ser purificada em favor da transcendência, ultrapassando assim a maternidade dos símbolos e o sentido limitado que lhe poderia conferir a inteligência humana. O conhecimento que se obtém dos símbolos é ao mesmo tempo afirmação e uma negação: todo símbolo encerra uma semelhança com a presença que esconde – pela qual ‘posso

afirmar’ – uma dessemelhança com ela – pela qual ‘devo negar’ [...] Dionísio prefere o símbolo dessemelhante, pois o dessemelhante comporta uma exigência de superação [...] o modo simbólico do pensamento dionisiano responde ao ponto de convergência em que, partindo de que saiu de Deus (símbolos contidos na Escrituras e toda a realidade criada como símbolo), nos elevamos pelo caminho de volta, negando aquilo mesmo sobre o qual nos apoiamos <sup>11</sup>.

Enfim, a Teologia Simbólica tira seus conceitos de ordem sensível aplicando-os a Deus em seu sentido alegórico e transcendental.

## 5 Teologia Afirmativa ou Catafática

Quanto ao modo afirmativo ou Teologia Afirmativa, podemos observar que tal teologia afirma Deus na ordem descendente conforme escreve o Pseudo-Areopagita “... aí nosso discurso, descendo do superior para o inferior, ia ganhando uma extensão proporcional à medida de sua descida” <sup>12</sup>. Comentando a referida teologia, escreve Gilson:

A teologia afirmativa principia com o próprio Deus, de quem afirma várias propriedades. Dizemos, por exemplo, que Deus é uno e trino; falamos, igualmente, da Paternidade divina, da Filiação e do nome do Espírito Santo. Mas, na medida em que nos alongamos de Deus, recorremos a conceitos tirados das coisas sensíveis, tais enunciados afirmativos vão-se tornando sempre mais inadequados <sup>13</sup>.

Como já nos referimos anteriormente, não há uma teoria acerca do conhecimento de Deus, mas, de acordo com a Teologia Afirmativa, o Pseudo-Areopagita mostra a possibilidade de haver conhecimento sobre Deus. Apresenta, porém, a princípio, um problema: a limitação a que está submetida nossa linguagem. Nossa linguagem encontra-se sob os limites do mundo sensível. Ao falarmos sobre Deus, efetuando um juízo, recorremos a um referencial cognitivo que não é adequado para falar do divino. Comumente ouvimos juízos sobre Deus,

como por exemplo: “Deus é amor”; nesse caso, nossa linguagem não diz algo satisfatório sobre Deus, ela apenas atinge o predicado “é amor”, mas nunca atinge a essência do sujeito (Deus). Porque, a idéia que temos sobre o amor se fundamenta na dimensão do mundo sensível, ou seja, num ato amoroso que temos a capacidade de realizar.

Esse método é comumente chamado de método catafático (afirmação) e, como já vimos, parte da constatação de fato de ir afirmando de Deus as qualidades que se encontram nas criaturas, escolhendo as mais elevadas, tais como a bondade, a sabedoria, a vida etc.:

[...] isso porque, como causa e princípio de todas as coisas, Deus abarca em si mesmos todas os nomes. Todavia, uma vez que o Ser divino, como Ser infinito, não reduz a nenhuma das coisas finitas, nem tampouco à sua totalidade, mas transcende a todas elas, Deus é propriamente, *inominável* <sup>14</sup>.

Portanto, não é que Deus seja incognoscível, a questão é que nós não conseguimos dizer com propriedade quem Ele é. Logo, para ousarmos dizer algo sobre Deus, é imprescindível purificar nossa linguagem, na qual se evita o âmbito puramente conceitual e formal.

## 6 A Teologia Negativa ou Apofática

A princípio, podemos observar que tudo aquilo que a Teologia Afirmativa assevera sobre Deus, a Teologia Negativa vem a negar. No entanto, essa negação não representa uma simples privação de conhecimento no pensamento dionisiano, mas representa uma limpeza dos conceitos ou ainda um modo de superafirmação de Deus. A esse respeito escreve Pseudo-Dionísio: “pois não só Deus é transbordante em sabedoria, e a compreensão dele não se enumera, mas se situa acima de toda razão, entendimento e sabedoria”<sup>15</sup> (*De divinis nominibus* cap. VII, 1).

Seguindo esse mesmo raciocínio escreve Boehner e Gilson:

[...] ao invés de proceder do alto, ela (a teologia negativa) parte das criaturas mais humildes, negando

Deus o que lhes delimita a finitude, e terminando por verificar que Deus, em sua absoluta transcendência, se esconde nas Trevas do mistério. Eis alguns destes conceitos: Deus não é essência nem vida, nem entendimento nem razão; não é um corpo; não ocupa lugar; não tem figura nem qualidade, nem sentidos; não está sujeito a mudança. Ademais, Deus não é ordem nem grandeza; nem ciência nem verdade; não é bondade nem espírito; não é Paternidade nem Filiação: não é nada do que é nem do que não é; não é treva nem luz, não é erro nem verdade, visto não haver afirmações de ordem geral a seu respeito. Ao afirmarmos ou negarmos algo d'Ele, não O pomos nem O negamos, dado que está acima de toda posição, e é a causa perfeita e singular de tudo; em suma, Ele transcende a toda negação<sup>16</sup>.

Mesmo diante do caráter negativo, precisamos ter o cuidado de não limitar a Teologia Negativa a uma simples negação, muito menos, cometermos o equívoco de conceber a Teologia Negativa e a Afirmativa como modos contraditórios, porque ambas têm um papel fundamentalmente correlativo. Ambas buscam fazer uma clara e racional percepção de que Deus transcende infinitamente às possibilidades do conhecimento humano.

## 7 A Teologia Mística

Sobre o modo ou a Teologia Mística, podemos observar que é um modo de se conhecer a Deus pela ignorância, e que esta se diferencia da Teologia Negativa pelo fato de que, na Teologia Negativa, se aborda o mistério divino a partir de uma dimensão dialética e, na Teologia Mística, se aborda a partir de uma experiência vivida. Vejamos o que escreve o Pseudo-Areopagita:

Nada existe que seja mais inexprimível por algum raciocínio e incognoscível a alguma inteligência, ainda fosse o mais elevado dos anjos mais antigos, do que a verdade mais evidente de toda a teologia: o ato



de Jesus moldando sua divindade numa forma humana. Que o próprio Deus tenha tomado a essência de homem, é como um mistério que aprendemos, mas ignoramos como ele pôde se formar de um sangue virginal segundo outra lei diversa da lei da natureza, como pôde atravessar a pé enxuto as águas líquidas, embora esse pé tivesse massa corporal e peso material, e o mesmo acontece mais geralmente para todos os segredo da natureza maravilhosa de Jesus [...]¹⁷.

A partir disso, podemos ver que a experiência mística dionisiana nos encaminha para uma dimensão transcendente à nossa capacidade cognitiva. Sendo que, nesse tipo de experiência, não são as afirmações, muito menos, as negações que proporcionam um conhecimento do divino, mas o silêncio. O silêncio é sinônimo de plenitude e eloqüência, uma vez se torna inviável querermos chamar a Deus de uma coisa e outra. Sobre isso fala o Pseudo-Dionísio em sua obra *Da Teologia Mística*:

Trindade supra-essencial e mais que divina e mais que boa, Tu que presides á divina sabedoria cristã, conduze-nos não só para além de toda luz, mas para além do incognoscível, ao mais alto cume das Escrituras místicas, lá onde os mistérios simples, absolutos e incorruptíveis da teologia se revelam na Treva mais que luminosa do silêncio: é no silêncio, com efeito, que se aprendem os segredos desta Treva das qual é muito pouco afirmar que brilha com mais resplandecente luz no seio da mais negra obscuridade [...]¹⁸.

O Pseudo-Areopagita não defende a absoluta incognoscibilidade de Deus, visto que era cristão. Através de seus estudos, buscava tão somente conhecer melhor a Deus. Conforme ele mesmo lembra em sua obra *Dos Nomes Divinos*:

[...] é verdade que Deus transcende, em absoluto, o nosso saber, e por essa razão é conhecido antes pelo silêncio e o não-saber, do que por meio de afirmações: todavia, o Sumo Bem é de algum modo participado pelas criaturas, é, além disso, revelou-se a si mesmo nas Escrituras. E é esta comunhão com Deus que nos proporciona um conhecimento correspondente da divindade<sup>19</sup> (DN cap. I, 2).

## 8 O autoconhecimento como condição para o conhecimento de Deus

Além dos modos de conhecer a Deus, os quais representam apenas um conhecimento aproximativo, o Pseudo-Dionísio estabelece alguns outros critérios, não como regra, haja vista que afirmamos a não existência de um sistema ou teoria acerca do conhecimento de Deus, mas apenas um conselho para melhor experienciar a Divindade.

O Pseudo-Areopagita sustenta que o autoconhecimento é o primeiro passo para se chegar ao conhecimento de Deus. Faz-se, assim, necessário ao homem primeiramente se conhecer para, somente depois, aspirar a um grau maior, ou seja, ao Sumo Bem. O segundo passo é deixar espaço para a fé e a meditação. Sozinho, o homem não conseguirá chegar ao conhecimento de Deus. Pois, como vimos anteriormente, encontramos-nos na condição de finito e limitado, principalmente quanto ao conhecimento através da linguagem. Referente a essa questão dionisiana, escreve Boehner e Gilson:

A fé conduz à inteligência: a fé e a Escritura são fundamento da unidade. Foi mister que Deus, como ser oculto, e Superessencial se revelasse através das Escrituras: caso contrário, nem sequer estaríamos em condições de conhecê-Lo. Se nos dedicarmos à meditação da Escritura e nos aprofundarmos nos Santos nomes de Deus – O livro *De divinis nominibus* serve de iniciação para – então à meditação terá seu remate natural na oração; pois não nos aproximaremos da divindade se não a invocarmos com reta dis-

posição e com pureza de intenção. Por esse caminho a alma chaga então à divinização, ou seja, o máximo grau possível de assemelhança e identificarmos com Deus<sup>20</sup>.

### **Considerações finais**

Sobre a possibilidade do conhecimento de Deus, nada se pode afirmar, dizer ou pensar, principalmente, qualquer coisa que contrarie a revelação, que, pela vontade de Deus, veio por meio das Escrituras Sagradas. O conhecimento da essência de Deus permanece inacessível ao ser humano, isso porque ela se encontra superessencialmente distante de todos. Entretanto, não podemos, classificar o Pseudo-Areopagita como agnóstico. Uma leitura atenta de suas obras faz com que essa classificação desfaleça. Pelo caráter negativo, principalmente, Dionísio apenas mostra a existência de uma lacuna na linguagem. Mostra, ainda, a impossibilidade de conceituá-Lo, uma vez que Ele transcende a linguagem e todo o entendimento humano.

Podemos ressaltar, ainda, que, no pensamento dionisiano, há uma crítica à soberba humana de achar que pode conhecer tudo e representa uma crítica à arrogância humana, mostrando que sua capacidade de aprendizagem é limitada. O Pseudo-Dionísio mostra que ao homem é dada a possibilidade de conhecer a Deus, mas, ao mesmo tempo, é-lhe tirada a possibilidade de querer subjugar-Lo ao seu intelecto. O homem não tem acesso a tudo que conhece, ou seja, esse pode conhecer, mas jamais atingir a essência de Deus.

Portanto, na relação homem e Deus, a linguagem não aparece como possibilidade do conhecimento, mas como fator problematizador, uma vez que Deus é superior a tudo, inclusive à linguagem e à inteligência humana.

## Notas

- <sup>1</sup> Professor do Mestrado em Ciências da Religião – UNICAP, Professor do departamento de filosofia da UNICAP, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPFAM/UNICAP/CNPq, atual Presidente da Comissão Brasileira de Filosofia Medieval – SBFM.
- <sup>2</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPFAM/UNICAP/CNPq.
- <sup>3</sup> GILSON, Etienne; BOEHNER, Philotheus. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. 9. ed. Trad. e nota introd. de Raimundo Vier. Nota introd. Petrópolis: Vozes, 2004. p.115.
- <sup>4</sup> GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. 3. ed. Trad. de Eduardo Brandão. Rev. de Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 83
- <sup>5</sup> COSTA, Joice Beatriz da. A teologia mística do Pseudo-Dionísio. *In*: BAUCHWITZ, Oscar Frederico (org). **O Neoplatonismo**. Natal; Argos Editora, 2001. p. 48.
- <sup>6</sup> DE BONI *apud* COSTA, *In*: **O Neoplatonismo**. 2001, p. 48.
- <sup>7</sup> COSTA, *In*: COSTA, 2001. p.47.
- <sup>8</sup> DIONÍSIO *apud* GILSON, 2001, p. 84.
- <sup>9</sup> GILSON, 2004, p.116.
- <sup>10</sup> DIONÍSIO *apud* BOEHNER ; WILSON, 2004, p. 116.
- <sup>11</sup> PSEUDO-AREOPAGITA, Dionísio. **Dos nomes divinos**. Trad., introd. e de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004a. p. 33-34
- <sup>12</sup> PSEUDO-AREOPAGITA, Dionísio. Dos nomes divinos *In*: **Obra completa**. Trad. de Roque Aparecido Frangiotte. São Paulo: Paulus, 2004b. p. 35.
- <sup>13</sup> DIONÍSIO *apud* BOEHNER ; GILSON, 2004, p. 116
- <sup>14</sup> PSEUDO-AREOPAGITA, 2004b, p. 6.
- <sup>15</sup> DIONÍSIO *apud* BOEHNER ; GILSON, 2004, p. 116.
- <sup>16</sup> DIONÍSIO *apud* BOEHNER ; GILSON, 2004, p. 116-117.
- <sup>17</sup> PSEUDO-AREOPAGITA, 2004b, p. 29.
- <sup>18</sup> *Ibid.*, p. 129.
- <sup>19</sup> DIONÍSIO *apud* BOEHNER; GILSON, 2004, p. 117.
- <sup>20</sup> BOEHNER ; GILSON, 2004, p. 123.

## Referências

COSTA, Joice Beatriz da. A teologia mística do Pseudo-Dionísio. *In*: BAUCHWITZ, Oscar Frederico (org). **O neoplatonismo**. Natal: Argos Editora, 2001.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. 9. ed. Trad., introd. e notas de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2004. 582p

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. 3. ed. Trad. de Eduardo Brandão. Rev. de Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 949 p.

PSEUDO-AREOPAGITA, Dionísio. **Dos nomes divinos**. Trad., introd. e notas de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004a. 184p

\_\_\_\_\_. **Obra completa**. Trad. de Roque Aparecido Frangiote. São Paulo: Paulus, 2004b. 325 p

**Endereços para contato:**

Janduí Evangelista de Oliveira

e-mail: janduiomi@hotmail.com, crichapas@yahoo.com.br

Marcos Roberto Nunes Costa

e-mail: marcosc@unicap.br